

19 de janeiro de 1995, em Porto Novo, com o senhor Jean Amaral, presidente da associação da BURRINHA [NdT: com maiúsculas, no original], em Porto Novo, Bairro Wando.

MILTON GURAN - O senhor é o presidente da BURRINHA que sai dia 21 e 22. O senhor poderia nos explicar como o senhor organiza a BURRINHA? Quer dizer, a festa uma noite, para que a BURRINHA saia na rua. Como isso se organiza?

JEAN AMARAL - A festa se organiza no sábado de noite. Na véspera da festa, todo mundo vem na casa do presidente da BURRINHA. Os velhos, os homens e as mulheres. Todo mundo se alinha na rua com uma tocha na mão. Nessa noite, eles acendem as tochas. Normalmente a gente começa a partir de 20 horas. Esse ano a gente vai começar a partir de 18 horas, para tornar mais rápido o percurso. No começo, a gente não passa de 80 ou 100 pessoas. Depois, quando a gente está na rua, somos cerca de 400, 500 pessoas. Os que chegam primeiro se alinham, mas entrando nas ruas, todas ficam bloqueadas. A gente sai com a fanfarra, os fanfarristas, isso chama “bole” [NdT: termo original]: a grande caixa que é como um tambor. As fanfarras, os clarinetes, entoam com aquele que vai entoar a primeira canção. Se ele entoa, os fanfarristas seguem e todo mundo começa a cantar. As castanholas são tocadas também, assim como o agogô. Presentemente nosso agogô está quebrado. Entre aqueles que entoam está meu irmão, ele chama Adolf AMARAL, e tem também Neti CAMPOS que entoa com ele e que é uma verdadeira brasileira.

Antes de começar, a gente entoa uma canção antes que as máscaras apareçam. Então a gente vai para a rua, as pessoas que chegam primeiro pegam a dianteira, depois a fanfarra, e antes de começar o cortejo, entoamos uma canção antes que as máscaras apareçam. Acendemos as tochas. Cada máscara tem sua canção. Tem seu apelo a BURRINHA. Cantamos para Yaya, então Yaya aparece; cantamos para Yoyo, Yoyo aparece; Mamayo e Papayo, eles aparecem. Temos também outras máscaras que compusemos. Essas máscaras também saem na rua: o boi, o porco, o cachorro. No caminho, se passamos diante de uma casa brasileira, esperamos diante da casa, tocamos na frente da casa, e as pessoas da casa saem para nos acolher. Se eles estão no mesmo ramo [NdT: pertencente à comunidade afro-brasileira] que a gente, eles entram na casa deles e nos dão água para beber, ou uma bebida, ou dinheiro para nos agradar, para nos agradecer, e ainda, eles se lembram de seus avós. Porque, naquele momento, ao mesmo tempo, toda a cidade constata que os brasileiros estão lá, festejando. Eles sabem que é a festa dos brasileiros. Eles sabem que eles ainda vão festejar no dia seguinte. A festa dura dois dias. Todo mundo está bem vestido.

Nós ficamos na rua até às 21 horas e às vezes até meia noite. A duração depende do percurso e tem a festa do dia seguinte e, sobretudo, a missa às 7 horas e às 10 horas,

pelo cura. Nós fazemos a escolta do cura. Salvo em caso de impedimento é o cura que sempre celebra a missa. Depois da missa todo o grupo visita algumas personalidades, alguns notáveis; todo o grupo com a fanfarra e os outros. Esse ano, escolhemos de ver uma velha senhora que já foi nossa presidenta. Ela ainda está lá. Então, aquele dia, a BURRINHA saiu da casa dela. Ela tem o mesmo nome que nossa mãe. Ela é Monteiro. É da casa dela que a BURRINHA começou. A cada ano, depois da missa, vamos rezar lá, para lhe pedir coragem para continuar sempre a fazer como ele mesmo, como o pai dela. O pai dela já morreu, mas nós vamos a casa deles. É sempre a família MONTEIRO. Ela é a única que ainda está viva entre todos os filhos do MONTEIRO. Ela não teve filhos. Ela é a última. Ela é a irmã da Madame LOTSU, que nasceu MONTEIRO, que mora na rua do Palácio Real. Madame LOTSU é a neta do senhor Gonçalo MONTEIRO, que trouxe a BURRINHA. É a mesma família. São primos e primas.

Depois, vamos fazer o piquenique no jardim do governo. Tem uma refeição que é preparada pelo grupo. O grupo mesmo arrecada um fundo para isso. E todo o grupo deve pôr a mão na massa, para preparar a refeição. Se é alguma coisa pequena, todo mundo põe a mão, para comer. Depois disso, cada um come aquilo que ele trouxe de casa. Aí também, um oferece ao outro aquilo que ele come, e o outro também oferece. Assim, nós vamos trocando os pratos entre a gente. E se você tem seus convidados, você os convida, você lhes oferece comida, eles comem com você. E toda a família se instala e come bem junto.

MG - Eu fiz a cotização para a refeição geral, mas não tenho cozinha em casa e não levarei prato nenhum, mas eu estarei lá.

JA - Já que você já cotizou, você vindo ou não, você vai comer. Depois de comer nos repousamos. Às quatro horas fazemos um círculo. Nós começamos a tocar. Nós tocamos, as máscaras vêm. Cada máscara vem para o meio do círculo e toca. Toda a população vem olhar. Nós ficamos lá até no máximo 20 horas e depois vamos embora. Nesse momento a gente não toca mais a fanfarra, só os pandeiros. É voltando, passando então nas ruas, que as fanfarras nos acompanham.

FIM